

# Studijní text

Tento studijní text je elektronickou kopií výňatku z textu a je určen pouze pro studenty Filozofické fakulty Masarykovy univerzity. Je určen výlučně k použití ve vyučování pro ilustrační účel nebo pro vědecké účely, jak je stanoveno v autorském zákoně (Zákon č. 121/2000 Sb., o právu autorském, o právech souvisejících s právem autorským a o změně některých zákonů, ve znění pozdějších předpisů). Studenti mohou text použít jen pro studijní účely. Je zakázáno text či jeho část jakkoliv dále šířit, kopírovat nebo používat na jiné účely, než je uvedeno výše.

## RELATO

E ao entrar no tribunal em Lisboa era na quinta que pensava. Não na quinta de agora com as estátuas do jardim quebradas, a piscina vazia, o capim que devorava os canis e destroçara os canteiros, a grande casa destelhada onde chovia no piano com o retrato autografado da rainha, na mesa de xadrez a que faltavam peças, nos rasgões da alcatifa e na cama de alumínio que arnei na cozinha, encostada ao fogão, para um sono afligido toda a noite pelas gargalhadas dos corvos

ao entrar no tribunal em Lisboa não pensava na quinta de agora mas na casa e na quinta do tempo do meu pai quando Setúbal

(uma cidade tão insignificante como uma aldeia de província, de luzes a dançarem em torno do coreto numa vibração de trevas, laceradas pelo desespero dos cães)

ainda não chegara ao portão e aos salgueiros do muro e descia rio adentro num atropelo de traineiras e tabernas, Setúbal onde a governanta me levava às compras aos domingos de manhã arrastando-me pelo cotovelo sob o alvoroço dos pombos

a casa e a quinta do tempo do meu pai de escadaria ladeada de anjos de granito e dos jacintos que cresciam ao longo das paredes, uma agitação de criadas nos corredores do mesmo modo que as pessoas se agitavam no vestíbulo do tribunal

(era Julho e as árvores da rua Marquês da Fronteira torciam-se ao sol contra as fachadas)

em cachos que se agrupavam e desfaziam em torno dos elevadores numa pressa ansiosa e nisto o meu advogado no meio das testemunhas e dos réus e dos oficiais de diligências a agarrar-me a camisola e a apontar-me os degraus

– Por aqui senhor engenheiro os divórcios por aqui

e eu indiferente ao tribunal, indiferente a ele, a lembrar-me daquele Julho antigo em Palmela

(devia ter quinze ou dezasseis anos porque construíam a garagem nova junto às faias, o tractor girava a seguir à horta e as pás de ferro do moinho chiavam no calor)

em que ouvi cochichos e passos e murmúrios na capela e não eram galinhas não eram rolas não eram gralhas era gente, talvez os ciganos de Azeitão a roubarem a santa e os castiçais de talha

(mulheres de saias negras, homens soprando cafeteiras ao lume, magras mulas tristíssimas)

e peguei numa das bengalas do vaso de louça da entrada e atravessei a trote a sala de jantar

– *Por aqui senhor engenheiro os divórcios por aqui*

com o lustre pingando sombras de vidro na toalha, saltei o canteiro de estrelícias, saltei as petúnias, a porta da capela encontrava-se aberta, os círios oscilavam nos arcos e não dei com os ciganos de Azeitão

(mulheres de saias negras, homens soprando cafeteiras ao lume, magras mulas tristíssimas)

dei com a cozinheira estendida de costas no altar, de roupa em desordem e avental ao pescoço, e o meu pai escarlate, de cigarrilha na boca e chapéu na cabeça, segurando-lhe as ancas a olhar para mim sem surpresa nem zanga, e nesse domingo depois de responder aos gritos ao latim do padre, à frente do caseiro, da governanta,

das criadas, o meu pai a acender cigarrilhas durante a comunhão

(o vento remexia as dalias secas e os eucaliptos do pântano, que aumentavam e diminuían segundo o respirar dos limos)

chamou-me ao escritório de janela para a estufa das orquídeas e o sopro do mar.

– *Oxalá a sua esposa não se atrase senhor engenheiro senão o juiz marca-nos o divórcio para as calendas gregas*

(e contudo não se viam gaivotas, não se vêem gaivotas deste lado da serra)

e levantou-se, contornou a secretária, tirou o isqueiro a gasolina do colete e pousou-me a mão aberta na nuca no gesto com que avaliava os borregos e as crias do estábulo

– Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão.

O meu pai de mão aberta na nuca da filha do caseiro, uma adolescente descalça, suja, ruiva, suspensa das tetas das vacas acorçada num banquinho de pau, a filar-lhe o cachaço e a obrigá-la a dobrar-se para a manjedoura sem largar os baldes do leite, o meu pai outra vez escarlate a esmagar-lhe o umbigo nas nádegas, de cigarrilha acesa apontada às vigas do tecto sem que a filha do caseiro protestasse, sem que o caseiro protestasse, sem que ninguém protestasse ou imaginasse protestar, o meu pai tirando a mão da minha nuca e designando com desprezo a cozinha, os quartos das criadas, o pomar, a quinta inteira, o mundo

– Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão.

O meu pai que aos sábados, depois da sesta, mandava o chofer comprar duzentos e cinquenta gramas de bolachas araruta e conduzi-lo a Palmela à moradia da viúva do farmacêutico na rampa do castelo, uma vivenda geminada com cortinas de crochet e um gato de

gesso no aparador, que voltava para a quinta à noite a tre-sandar a perfume barato e passada meia hora se tanto ouvia-o ressonar na poltrona da sala com o chapéu na linha das pálpebras e a última cigarrilha a consumir-se-lhe na boca à medida que os mochos do pântano palravam no jardim, e o advogado vestido de advogado caro com o tom da camisa a ligar com o tom das meias, batendo a unha no mostrador do relógio

– Se a sua esposa se atrasa para a confe-rência do divórcio estamos fritos

o advogado que a minha filha mais velha me arranjou ao aparecer na quinta para ralar comigo examinando indignada as janelas sem vidraças e as tábuas podres do soalho, examinando indignada um tacho de sopa fria no piano ao lado do retrato da rainha, examinando indignada as cascas no tapete

– Como é que consegue viver sozinho num chavasco destes?

O advogado caro de cabelo cortado num barbeiro caro que me recebeu num gabinete caro com quadros caros encadernações caras em estantes caras a mulher cara e os filhos caros a sorrirem numa moldura de prata e mobília quase tão cara como a mobília do meu pai, o advogado a fingir não reparar no pedaço de corda que me servia de cinto, nos sapatos sem graxa, nas peúgas sem elástico, nas calças gastas, a observar-me no desdém abor-recido com que a minha sogra me observou quando entrei pela primeira vez a derrubar bibelots, envergonhadíssimo, no palacete do Estoril, a minha sogra que jogava bridge com as cunhadas a recolher a vasa numa combustão de anéis e a erguer para mim a sobancelha que se mostra ao jardineiro incompetente culpado de estragar os buxos do terraço

– O menino tem dinheiro para manter a Sofia ao nível a que ela está habituada?

o advogado incomodado com o meu casa-cco demasiado curto, os meus fundilhos, o meu bigodinho

cómico, a brincar com a lapiseira de prata numa nuvem de after-shave e a tentar ao mesmo tempo desembaraçar-se do assunto e ser simpático para a minha filha

– Vamos a ver o que se pode arranjar se-nhor engenheiro não prometo nada

e ao ir-me embora a telefonista mirou-me como se eu fosse testemunha de Jeová ou vendesse enci-clopédias e a minha filha mais velha a remexer as gavetas da cozinha onde as cuecas se misturavam com os talheres (os garfos tortos as colheres com verdete as facas que não cortavam)

– Não tem ao menos um fatinho decente? e a Sofia a escovar-me os ombros com o dorso da mão

– Podias arranjar-te um bocadinho para conhecer a minha mãe

e a minha sogra a esquecer-se das cartas assim que despenhei um candeeiro de globo

– O menino é parvo ou faz-se?  
eu no tribunal em Lisboa escoltado pelo advogado que batia no relógio com a unha, a lembrar-me das pás do moinho escurecidas de ferrugem que cessaram de trabalhar apesar do vento, dos canis vazios e dos lobos da Alsácia sem comida galopando ao acaso pela serra ou a uivarem do pântano no momento em que uma funcionária começava a soletrar nomes marcando os que respondiam com uma cruzinha a lápis, a lembrar-me de quando levei a minha noiva à quinta em Agosto e o meu pai se achava no pátio numa cadeira de balouço a beber limonada com a mulher do sargento, dama de cetins barrocos que tomava a camioneta de Setúbal nas tardes em que o marido ficava de plantão no quartel e eu para o meu pai

– A Sofia pai  
e o meu pai a mirá-la com a pálpebra adormecida com que mirava a cozinheira a filha do caseiro as ciganas as criadas, a afundar a copa na testa com um piparote

– Faz tudo o que ela quiser mas nunca tires o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão e o advogado inquieto mostrando-me o relógio

– O que terá acontecido à sua esposa?

a Sofia a ajeitar a bandelete corada de timidez, os corvos a gargalharem nas faias, o reflexo da casa a estremecer na piscina, a mulher do sargento a sorrir para nós caretas de madrinha, o meu pai a medir a Sofia, na voz distraída com que falava dos animais no estábulo

– Um cabide um esqueleto nunca percebeste nada de vitelas

e o advogado de repente sereno, de repente grave, a endireitar-se para o elevador comendo os punhos

– Até que enfim senhor engenheiro

e lá estava a Sofia sem bandaete sem vinte anos sem corar de timidez sem me escovar os ombros com o dorso da mão, flanqueada por um advogado tão semelhante ao meu que se diria o mesmo ao espelho, que se diriam réplicas, gémeos, ambos de cabelo cortado num barbeiro caro, ambos de cheviotes por medida, ambos seguros autoritários severos, flutuando na mesma loção de barbear numa majestade de congros, a Sofia com o anel da minha sogra no dedo da aliança, com a desenvoltura desdenhosa da mãe

(– O menino é parvo ou faz-se?)

sem me olhar sem me sorrir sem me dizer

– Podias arranjar-te um bocadinho João e eu para o meu advogado igual ao advogado dela

– Nunca devia ter tirado o chapéu da cabeça para que se soubesse quem era o patrão

e o advogado do vértice dos cheviotes sem entender

– Como?

o advogado parecido com os advogados, os banqueiros, os gestores, os deputados e os ministros que

chegavam à quinta no tempo do meu pai, invisíveis nos vidros opacos de um cortejo de automóveis fúnebres avançando pelo caminho de ciprestes que separava o portão da casa, me faziam uma festa distraída no queixo comentando sem me verem

– Como tu cresceste

se fechavam na sala do piano a tarde inteira com as criadas de luvas brancas num corropio de bandejas, a governanta a mandar-me brincar para as tra-seiras, o caseiro a afugentar os corvos e a calar os cães, os advogados, os banqueiros, os gestores, os deputados e os ministros que regressavam já de noite aos seus carros imensos, desapareciam na estrada de Lisboa e o meu pai esquecido deles, voltado para a respiração do pântano onde as últimas rolas se sumiam, a Sofia a passar por mim com a desenvoltura desdenhosa da mãe e o advogado sem entender inclinando-se para escutar melhor

– Perdão?

eu não no tribunal, na quinta, a dirigir-me ao meu pai entre o choro das rãs

– Nunca devia ter tirado o chapéu da cabeça para que se soubesse quem era o patrão

e o advogado com o espanto das sobran-celhas pegando-se à raiz dos cabelos

– Perdão?

como se dissesse, possesso, não ali no tribunal, no Estoril, no bridge do Estoril diante da janela para as palmeiras do Casino olhando o candeeiro de globo que eu acabara de quebrar

– O menino é parvo ou faz-se?

o palacete do Estoril onde acompanhei o meu pai vestido como um camponês, de corrente de cobre, botas de carneira, um chapéu velho na cabeça e a cigarrilha nos dentes, o meu pai que deixou o Nash na garagem com o chofer fardado a puxar lustro aos cromados e convocou o único táxi de Palmela conduzido por uma espécie de palhaço de pala de verniz parando em todas as tabernas

com o pretexto de descansar o motor e demorando-se horas entre parreiras e moscas, o meu pai acompanhado pela viúva do farmacêutico escondida atrás de um camafeu de madrepérola e de um leque sevilhano a que faltavam varetas, com um cãozinho microscópico a latir-lhe guinchos no colo, a viúva e eu torrando dentro do táxi que cheirava a caixa de sapatos antiga e o meu pai e o palhaço de pala de verniz a chuparem calicezinhos e a esfriarem o radiador com abanos de trança, enodoados de fuligem, de forma que alcançámos o Estoril muito depois do almoço quando tinham desistido de esperar-nos e jogavam bridge no terraço sobre a praia e as gaivotas, e a minha sogra em lugar de indignar-se com a falta de educação do meu pai que empurrava a viúva e o cãozito microscópico protegido por uma capa de lã casa adentro

– O menino é parvo ou faz-se?

deixando o palhaço no pátio a cambaleiar nas hortênsias e a enroscar e a desenroscar o motor do táxi que trepidava explosões e agonias, o meu pai de chávena de chá na mão a mirar a mãe da Sofia e as cunhadas com a pálpebra sonolenta com que mirava a cozinheira, a filha do caseiro, as ciganas, as criadas, sem tirar o chapéu da cabeça nem deixar de fumar, que dali a nada empurraria uma delas para o primeiro quarto livre a fim de lhe erguer a saia e achatar as nádegas contra um armário ou uma cómoda cujas gavetas gemiam, informando quem quer que entrasse

– Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão o meu pai de chávena de chá, a viúva do farmacêutico a alimentar de pedacinhos de biscoito o cãozito horrível, e a minha sogra não furiosa, não indignada, indulgente

– Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

o mar a seguir às palmeiras e as gaivotas no pontão sossegadas e brancas tão diferentes dos corvos desgrehados da quinta

– Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

o meu pai calado esmiuçando as cunhadas do bridge na paciência aborrecida com que examinava as vacas no estábulo, a raspar crostas das botas com o canivete e no entanto eu gostava de si pai, gostava de si, não fui capaz de dizer-lhe mas gostava de si, a mãe da Sofia a oferecer torradas que o meu pai não se dava ao trabalho sequer de recusar ocupado com o lodo das solas, a mãe da Sofia, solícita

– O meu irmão Pedro procurou-o várias vezes por problemas lá do banco quando você foi secretário de Estado lembra-se do Pedro com certeza

e no tribunal em Lisboa o advogado para mim

– O juiz chamou senhor engenheiro o advogado preocupado, inquieto, implorativo, com os cheviotes subitamente baratos e ruços, o corte de cabelo subitamente vulgar aparado por um barbeiro de vão de escada da Penha de França ou da Amadora

– Não abra a boca durante o julgamento senhor engenheiro não se ponha com essas histórias de patrão

um corredor com empregados que escreviam à máquina, convocatórias e avisos que proibiam fumar num painel de cortiça, pessoas à espera e ao fim do corredor uma prateleira de livros, um calendário de parede, dossiers no soalho, uma mesa de repartição pública preenchida por códigos e processos e o juiz entrincheirado de caneta em riste por detrás das leis como para se defender de nós, idêntico a um mestre-escola com a metade inferior da cara oculta por tratados com farpas de cartão a marcarem as páginas, fitando-me como se pedisse desculpa tal como fitei o meu pai quando na semana seguinte ou duas semanas depois da revolução

(soldados marchas militares armas prisões a minha sogra e as cunhadas em Espanha em hotéis de

terceira ordem nos arredores de Madrid sem malas de viagem sem passaporte apavoradas tentando ligar para Lisboa sem que lhes respondessem tentando ligar para a herdade e os camponeses a insultarem-nas aos berros a minha sogra e as cunhadas em Espanha com vários casacos de peles uns por cima dos outros com vários relógios de ouro em cada pulso e os irmãos da minha sogra humilhados por civis de pistola na companhia de seguros humilhados por civis de pistola no Guincho os irmãos da minha sogra transportados em camionetas de talho para Caxias para Peniche para Vale de Judeus)

tal como fitei o meu pai quando na semana seguinte ou duas semanas depois da revolução nos chamou à quinta, à Sofia, aos miúdos e a mim e tinha trancado as janelas e aferrolhado os quadros e as pratas, solto os lobos da Alsácia dos canis e despedido as criadas e nos esperava no topo da escada, de caçadeira no sovaco e os bolsos inchados de cartuchos, o meu pai que continuava a fumar cigarrilhas de chapéu na cabeça

– O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

a ameaçar com a caçadeira o pântano, o celeiro, o pomar e a azinhaga de ciprestes, os lobos da Alsácia a reboarem nos canteiros decependo os narcisos

– O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

e o advogado baixinho

– Pode sentar-se

os lobos da Alsácia que se evaporavam a galope na casa tombando cadeiras, rasgando sofás, destruindo reposteiros, que regressavam ao jardim num temporal de caçarolas e panelas, com pedaços de almofadas, de cortinas, de toalhas e o meu pai disparando contra o susto dos corvos

– O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

a obrigar-me a patrulhar com ele o celeiro, a horta, a garagem, os eucaliptos do pântano em que as rãs

choravam, a tirar um revólver do cinto, a oferecer-me o revólver e a rosar sob o chapéu

– Se vires um comunista dispara

o meu pai mais solitário do que em toda a vida o conheci, sem mulher, sem amigos, sem subordinados, sem cúmplices, afastando à coronhada as vacas do estábulo na ideia de procurar revolucionários nas manjedouras, nas bilhas de leite, nos sacos de sementes, na palha, o meu pai primeiro de joelhos e a seguir de bruços numa poça de fezes e urina, remexendo alfaias

– Não ouviste um barulho não ouviste um barulho?

e um lobo da Alsácia uivou lá fora e o meu pai a tentar levantar-se, a escorregar

(– Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco)

a tentar levantar-se de novo

– São eles

e mais latidos de cães, mais gargalhadas de corvos, mais suspiros nas faias, o meu pai a embater numa barrica, a embater num ancinho, a gatinhar para a saída

– Dispara

a Sofia começou a responder às perguntas no tom de voz do bridge, no tom de voz da mãe, como se eu não existisse, como se eu nunca tivesse existido e o advogado a fazer sinal para o juiz

– Não abra a boca senhor engenheiro deixe-me falar

mas não havia ninguém na quinta, civis de metralhadora na estrada de Lisboa, comunistas junto ao portão, não havia nada salvo os corvos sobre os eucaliptos e os anjos de pedra, e a partir do ano em que me separei não haveria mais ninguém na quinta excepto eu a construir um barco na garagem para partir um dia, a Sofia calou-se, o juiz mestre-escola moveu o queixo das suas ameias de processos como se promettesse não a reprovar no exame e o advogado cujos cheviotes eram de novo caros

– O único bem do meu cliente é uma propriedade sem valor

e a minha sogra no Estoril esquecida das cartas a espiar-me a roupa, desconfiada

– O menino tem dinheiro para manter a Sofia ao nível a que ela está habituada?

de maneira que após o casamento me convidaram a trabalhar no banco na condição de assinar o nome ao fim do mês no recibo do ordenado e de não ter veleidades nem projectos, de não falar nas reuniões e de não aparecer no trabalho, na condição, de facto, de não ser, como não era para a minha sogra, como não era para a minha mulher, como não era para os meus filhos

– Como é que consegue viver no meio de um chavasco destes?

eu a construir um barco nos destroços da garagem que os destroços de um carvalho ameaçavam

(os ramos baixavam o tecto e as raízes erguiam o soalho)

a construir um barco para partir um dia, não ficar como o meu pai estendido no charco de urina e de fezes do estábulo a tentar em vão gatinhar para a saída

– Dispara

e o que toparei à saída são os campos defuntos, os anjos amputados, as janelas sem vidraças, a horta revolvida pelos cães, a cama amparada ao fogão de lenha sem lenha e o eco da minha tosse nas salas vazias, o advogado buscando alcançar a cordilheira de códigos em que os óculos do juiz saltavam de tempos a tempos uma escamazinha fugidia

– O meu cliente desistiu do atelier de projectos para se ocupar durante anos de uma das firmas da família da esposa sem receber indemnização ao abrigo da lei ao despedirem-no

quando a verdade é que não me despediram, se limitaram a pedir ao contínuo que me proibisse a entrada, eu no vestíbulo e ele de mãos no ar

– Lamento muito senhor engenheiro são ordens não se rale que o chequezinho do vencimento há-de chegar lá a casa

até me proibírem a entrada de casa também, não desta feita um contínuo mas dois primos da minha mulher à espera no Estoril impedindo-me o quintal, não hostis, não agressivos, não violentos, neutros

– A Sofia quer divorciar-se de ti de modo que veio uma furgoneta da companhia de seguros e metemos-te os tarecos em Palmela

uma mala, um saco de roupa, um álbum de fotografias, o crucifixo de marfim da minha mãe, um caixote com ferramentas e plantas de navios, era noite no Estoril e chovia, as palmeiras do Casino debruçavam-se para o hotel e eu ainda de chave na mão, incapaz de reagir

– Porquê?

da mesma forma que perguntei ao contínuo no vestíbulo do banco enquanto a telefonista e as secretárias me espiavam com dó as nódoas do casaco

(e a minha filha mais velha a remexer as gavetas da cozinha onde as cuecas se misturavam com os talheres

os garfos tortos as colheres com verdete as facas que não cortavam

– Não tem um fatinho decente?)

– Porquê?

e antes que as lentes do juiz tornassem a surgir num intervalo de argolas de dossier espiando toda a gente como animais medrosos, o outro advogado, a imagem no espelho, a réplica, o gémeo, a exhibir testemunhos de contabilistas, fotocópias, facturas, números, diagramas e desenhos com setas coloridas para cima e para os lados

– Ocupar-se de uma firma que faliu?

eu que não me ocupava de nada, me limitava a escrever o nome onde me indicavam que escrevesse e a rubricar as letras e as quitaçãoes que o director de pessoal me apresentava

– Por cima dos selos senhor engenheiro  
obrigadíssimo

que não entendia de empréstimos nem de letras nem de quitações, que não adivinhava que o director de pessoal havia de fugir para Joanesburgo com o dinheiro do banco, e os irmãos da minha sogra já fora de Caxias ou de Peniche ou de Vale de Judeus a convocarem-me para uma reunião, a não me convidarem a sentar e a sacudirem uma pilha de dívidas

– Que é isto?

dívidas, promissórias, contratos, cedências de acções, compras, vendas, cambalhotas cambiais, operações catastróficas

– Que é isto?

os óculos do juiz ergueram-se dos códigos, pairaram um momento, ocultaram-se de novo, a Sofia com a idade da mãe, igualzinha à mãe, esquecida das cartas, esquecida do bridge

– O menino é parvo ou faz-se?

e a imagem no espelho, a réplica, o gémeo, expandindo-se no seu aquário de loção a retirar da pasta mais certidões, mais relatórios, mais hipotecas, mais empréstimos, mais provas de dólares sonogados

– Ocupar-se de uma firma que obrigou a falir ou consentiu que falisse mas disso não se fala mais preferimos esquecer a única coisa que a minha cliente pretende é uma hipoteca a seu favor sobre a quinta

a quinta ao abandono de agora, sem vacas, sem ovelhas, sem tractor, sem porcos, que o pântano devorava a pouco e pouco com os seus eucaliptos monstruosos e o seu choro de rãs, as árvores do pomar emaranhadas e sem folhas, as calhas de rega que o capim engolira, as faias e os ciprestes depenados pelos corvos, a água da piscina, sem reflexos, a apodrecer como uma órbita morta, não a quinta e a casa de dantes, não a quinta e a casa do meu pai, a quinta e a casa de agora, o piano com o retrato autografado da rainha incapaz de uma nota, os quadros no chão,

os tapetes desbotados, a capela invadida pelas trepadeiras com as lagartixas e os vermes da terra na pia baptismal, no altar, no armário dos paramentos em pedaços, o advogado e a Sofia e a família da Sofia vingando-se do que eu não tinha feito, do que mesmo que o quisesse não saberia fazer e requerendo uma hipoteca sobre nada já que não tenho nada senão um saco de roupa, um álbum de fotografias, um crucifixo de marfim e este barco na garagem sem motor nem velas para partir um dia, um barco tão inútil como a caldeira de carvão avariada, como a debulhadora sem ventoinha, como o moinho de cartilagens soldadas pelo óxido que negava o vento, o juiz reduzido a uma vozita míope e a uma suspeita de lentes guardadas por colinas de leis concedeu-lhes a hipoteca sobre a quinta, sobre sombras de miséria e o relincho das gralhas e quando vierem para a executar na pompa com que vinham outrora os automóveis de enterro dos advogados, dos banqueiros, dos gestores, dos deputados, dos ministros, vão encontrar-me sentado nos degraus da escada à sua espera no meio dos caules dos jacintos e dos lobos da Alsácia que perseguem os coelhos e lhes escavam as luras com os focinhos e as patas, ou então em lugar de me encontrarem sentado nos degraus da escada à sua espera, sem os ouvir, sem os ver, atento aos pombos de Palmela entre o castelo e a serra, pode ser que eu gatinhe como o meu pai na urina e nas fezes do estábulo

– Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

embatendo nos baldes de leite, em barricas, em ancinhos, apontando para eles a caçadeira sem cartuchos a que faltava o gatilho, limpando a lama e a palha da cara com o lenço, coberto de urina, coberto de estrume, gritando para os revolucionários de metralhadora de Setúbal e de Azeitão que me assaltavam a casa mostrando o mandato do tribunal, o mandato da justiça

– Vão-se embora não me toquem vão-se embora o primeiro comunista que entrar leva um tiro nos cornos.